

BRITO CAMACHO, Director

Editor — JOÃO DE MENEZES

PROPRIEDADE DA Empresa de Propaganda Democratica, Redacção, administração e typographia — R. Anchieta, 5, 2.ª

Officina de impressão — Rua do Azeite, n.º 134 (PROPRIEDADE DA EMPRESA) Toda a correspondência relativa á redacção deve ser dirigida ao Director

Não se devolvem originaes embora não publicados

Endereço telegraphico: ACTUL — Lisboa

A. FERREIRA, Administrador

Preços de assignatura

PAGAMENTO ADEANTADO

Lisboa — 1.º mez, 300 réis; 3 mezes, 900 rs.; 6 mezes, 1200 r. 1 anno, 3000. Provincias, ilhas, ultramar e Hespanha, 3 me 500 réis; 6 mezes, 1200 rs.; 1 anno, 3000 rs. Paizes da Un 3 mezes, 1800 rs.; 6 mezes, 3600 rs.; 1 anno, 7200 rs. Bra: 1 anno, 4800 rs. — Numero avulso, 10 réis. Anuncios: 20 réis a linha; Reclamos e comunicados: na 2.ª pagina, 200 réis a linha; na 3.ª pagina, 100 réis. NUMERO TELEPHONICO 1:422

# A LUCTA

## GUERRA JUNQUEIRO

### A NOSSA BANDEIRA

Nos estandartes nacionaes ha dois elementos d'expressão: côres e emblemas. As côres exercem em nós acções distinctas, de natureza diferente. A primeira é acção biológica, ou antes bio-química. Tal cor na ordem biológica, agrada-nos ou desagradá-nos, por-



Guerra Junqueiro

se não confunde. De modo que ha côres nacionaes, traduzindo biológica e psicicamente a idealidade dos povos.

Mas certas côres, que são em geral, as mais harmonicas para os nossos olhos e o nosso espirito, tornar-se-nos-hão odiosas e odiadas, vendo-as nascer n'uma bandeira filha do crime, que viveu na baixeza e acabou na des honra. Então as côres que amamos de preferencia, por se casarem melhor aos nossos sentimentos, hostilizam um d'elles, o da patria, gravado na face da bandeira. De modo que as côres do estandarte, para serem absolutamente nacionaes, hão-de exprimir, ao mesmo tempo, a idealidade da raça na ordem biológica, na ordem esthetica e na ordem politica. Só n'esse caso ha harmonia integral.

A alma da nação traduz-se na bandeira, mas a alma em festa, a alma ovante, clamando gloria, radiando esperanca. O genio portuguez, mavioso e affectuoso, sonhador e simples, é um hymno lirico matinal, cantado de joelhos e de mãos postas. E' meigo, mas tambem é robusto, e, exaltado na acção, ergue-se de chofre, em vôo d'aguia, ás eminencias epicas. O nosso estandarte ha-de dizer, — candura, ternura, vigor, denodo, nobreza, heroismo.

Tinha quatro côres. O azul e o branco no fundo e nas quinas, o vermelho no escudo, o oiro na corôa e nos castellos. A luz branca é a luz habitual em que vivemos, aquella a que o nosso organismo se amoldou. As diversas côres, socializando, fraternizando, dão o branco. E por isso a cor branca agrada geralmente a todos os olhos, é o fundo em que a vida se desenvolve, o fundo em que as outras côres se projectam, se agrupam e se distinguem.

Olhando atravez d'um vidro azul ou escarlate, todos os objectos nos apparecem azues ou escarlates. Mas, se o vidro for branco, destacam-se um a um, nitidamente, na sua cor natural. Por isso o branco significa primeiro a clareza, a verdade, a realidade; e depois, como ideias associadas, a candura, a pureza perfeita, a virtude sem mancha.

Se atravez d'um cristal bem rubro olharmos com demora, sentiremos uma exaltação visual immediata, que se transforma em exaltação ideologica equivalente. Estando abatidos ou com sono, creamos impeto e despertamos. O vermelho é um excitante da vida, dá-lhe ardor, impelle á acção, provoca á lucta. E' vermelha a aurora, é vermelho o sangue, da cor da manhã é o sorriso dos noivos, e de purpura ardente a voz soberba dos clarins.

O azul tranquilisa-nos, apazigua-nos. Dá serenidade, bondade, graça ingenua, alegria candida. No ceu e no mar não tem limites... O oiro radiante ofusca e deslumbra. E' gloria, victoria, triumpho, extase, apotheoze. Circundam-se d'oiro as frentes divinas dos Eleitos.

Completem a luminosa lingua do estandarte os emblemas essenciaes, evocando em imagens, n'um resumo instantaneo, a historia patria. Os emblemas traduzem ideias, mas falam-nos tambem aos olhos pelo desenho e pela cor.

E', pois, o estandarte um organismo vivo, que brota e se desenvolve paralelamente á alma da nação.

Estudemos a nossa bandeira na sua genese, na sua historia evolutiva. A bandeira de D. Henrique foi uma cruz azul em campo branco. Porque adoptou a cruz azul e não a vermelha da Ordem de Christo? A sua empreza era uma cruzada, mas quiz naturalmente dar-lhe um caracter distincto, uma feição

individual. Manteve a cruz, mas n'outra cor, em azul. Porque o azul exprimia a natureza meiga e affectuosa da raça lusitana, ou porque era essa uma das côres do seu escudo, o escudo da casa de Borgonha? Talvez, quem sabe, pelos dois motivos. O que é certo é que já no estandarte de D. Henrique os emblemas e as côres se harmonisam admiravelmente com a psicologia portuguesa. Falta-lhe ainda o vermelho, a nota rubra, clamando a energia belica do tempo. Mas essa lacuna, que expliquei, não tardará a desvanecer-se.

A bandeira de Affonso Henriques foi a mesma do pae. A datar de Sancho I, a cruz azul e unida fragmenta-se em cinco escudetes, com onze besantes brancos cada um. Portanto os besantes não pôdem referir-se de maneira alguma aos cinco maravedis. Os besantes significavam soberania, o direito regio de cunhar moeda. São onze, desde D. Sancho até D. Affonso III. Nos escudos das rainhas e dos filhos bastardos do rei é que apparecem cinco, em vez dos onze. Assim no escudo da rainha Santa Izabel e de D. Leonor Telles e no de D. Maria Affonses, filha bastarda de D. Diniz, vêem-se cinco besantes em cada um, e não os onze do brazão real. O numero onze de besantes o que exprime? Ignoro-o. E o numero cinco dos escudetes o que é que realmente significava? Apenas o meio mecanico indispensavel para distribuir os cincoenta e cinco besantes em cinco grupos? Julgo que não. Na cruz unida podiam formar-se tambem os cinco agrupamentos. Acodem-me duas explicações, e ambas verosimiles. A primeira é que os cinco escudetes aludem, em quantidade, aos cinco maravedis. Os besantes dentro dos escudetes representam, como disse, a autonomia, o direito soberano de cunhar moeda. A essa ideia, figurada nos besantes, alia-se naturalmente a dos cinco maravedis, que vem abonal-a e completal-a.

Mas a segunda explicação é igualmente logica. Os cinco escudetes lembram as cinco chagas de Christo. Se os cinco escudetes desenhem a cruz, é natural que, numericamente, representem tambem as cinco chagas. Nada mais espontaneo do que ligar á imagem da cruz a das chagas de Christo. E então a lenda do milagre d'Ourique, que a Igreja forjou no seculo XV, teria a amparal-a e a basear-lhe o credito um simbolo vivo e nacional. Inclino-me muito a esta hypothese.

Como o Mestre d'Aviz era bastardo, em cada escudete das suas armas havia cinco besantes e não onze. Proclamado rei, guardou o mesmo numero de besantes no brazão, que continuou assim até aos nossos dias. Porque os manteve e se conservaram depois? Manteve-os naturalmente por orgulho e conselaram-se por habito. Mas é possivel que date d'essa epoca, depois de Aljubarrota, a creação do milagre d'Ourique, e então os cinco besantes ficariam simbolizando as cinco chagas. E' uma hypothese.

No reinado de Affonso III, com a conquista do Algarve, modificou-se a nossa bandeira profundamente. Continúa no campo branco a cruz azul das cinco quinas, mas á volta, a orlar o estandarte, apparecem n'uma ampla e soberba faixa de vermelho vivo sete castellos d'oiro coruscando. O oiro da gloria e a purpura ardente das batalhas irrompem, com vehemencia, do fundo lirico e celeste. E' bello.

Mas qual a razão directa da mudança? As armas do Algarve não eram de vermelho com castellos d'oiro. O Algarve não tinha escudo antes da conquista, em poder dos arabes. E depois da conquista, correndo os annos, as suas armas são d'oiro em campo esquarterado, tendo no

primeiro e terceiro quartel o busto d'um rei branco e nos outros dois o busto d'um rei negro. A orla vermelha com sete castellos d'oiro tambem não foi apenas o simbolo da lucta e do estandarte da nação. Foi isso talvez e mais uma coisa: o matrimonio do rei, com a filha de Fernando III de Castella. As armas castelhanas eram, como hoje, de castellos de oiro sobre fundo vermelho.

De todos os modos, o estandarte nacional adquiriu com D. Affonso III a quasi plenitude simbolica das qualidades da raça. E' já a flamula ovante d'um lirismo épico.

E, chegando á maravilhosa idade das descobertas, a lucta triumphal nas almas e nas bandeiras incendeia-se então vertiginosamente. O estandarte de D. Manuel é, n'um campo d'alvura e de purpura, a esfera celeste, o simbolo cosmico, dardejando em oiro. E' o estandarte de apotheoze que arvoraram as naus dos Índias, juntamente com o de Christo, o de fundo de neve e cruz em brasa. Neste estandarte rutila da Cruz a purpura, dominadora, esmaga o fundo de incandescencia.

E no topo dos mastros as flamulas obrias, azues e vermelhas, ondeam e cantam, como línguas acesas de relampagos.

Mas junto d'esses pendões coruscantes, de gloria e de victoria, ergue-se ainda um pendão maritimo, todo de fundo azul celeste, com cinco luzas a sonhar... Vem depois o Bragança, e a bandeira ajesuíta-se, é mollia, mesquinha, hipocrita, adocicada. O escudo deita-se no chão, em rastos, a dormir, e no vérsio, em triumpho, calcando o globo, d'azul e branco, diademada d'estrelas, a Rainha dos anjos, a Padroeira do Reino. E' a Puríssima. A Mãe de Jesus? Não. A mãe do jesuita, a mãe-escrava de Loyola.

O estandarte da Ordem de Christo fluctua ainda, mas a cruz encolheu, emagreceu, — indigente, exangue, quasi filiforme.

Aparecem tambem as curiosas bandeiras das missões, com monjes em extase d'olhos cheios, cahequizando e trahequizando.

O estandarte de D. Pedro II é um horror. Em campo inestético, de faixas brancas, vermelhas e amarellas, projecta-se, monstruosa, de lado a lado, uma cruz negra de cemiterio. Debaixo d'ella dorme um povo...

E nas flamulas das naus exultante tambem o cantico da aurora, e o himno épico estriamente amortece e desfalece n'uma elegia de crepusculo.

E a esfera do seculo XV, — visão, aventura, sonho, deslumbramento, rebaixou-se, degradou-se, chafinhou pelo mundo. Perdida a India, explorou o Brazil, constelou-se a ultima vez d'esmeraldas, topasios e diamantes. No reinado de D. João VI, o escudo de Portugal assenta sobre a esfera, isto é, sobre as minas, sobre os tesouros do Brasil. As minas exgotaram-se, o Brazil separou-se, e a esfera de D. Manuel ficou nas armas do novo reino.

Com a invasão franceza a nação desperta. O rei foge, a aristocracia enlameia-se, o clero avilta-se. O povo abandonado resurge, defende heroicamente o seu lar, a sua alma, a sua patria. Combateu, venceu e ficou prisioneiro. De quem? Do deserto e do poltrão, do Bragança obeso e do jesuita livido. Reage, sonha em revolta. Enforcam-no. Mas tres annos depois a Liberdade, que subira ao cadafalso com Gomes Freire, levanta-se em pé, victoriosa, com Fernandes Thomaz. Surgem então no lago nacional as duas côres da revolta, o azul e o branco, para substituir as que se usavam, o azul e o vermelho, da libré do rei. A revolução não bania o monarcha, mas já antepunha, soberanamente os direitos do povo aos

direitos da corôa. O mandante era o povo, e o rei o mandatario. Porém, a Liberdade foi mais uma vez estrangulada pela dinastia, as côres da revolta não passaram da fita popular para o estandarte da nação.

Só nos dias heroicos da Terceira é que finalmente os castellos e as quinas pousaram em campo azul e branco, em campo novo de liberdade. E, detalhe curioso, o estandarte do imperador na hora do triumpho é a bandeira ovante de D. Affonso III, com a orla de purpura mais ampla e mais ignea e os sete castellos mais ativos. E esta bandeira ufana hiperbolisa-se ainda depois n'um segundo modelo, o campo todo rubro, os castellos em oiro e, ao centro as quinas diminuidas, em fundo branco muito exiguo. A nota épica, que devia gravar-se, por direito, no estandarte do Povo, monopoliou-a, gongoricamente e orgulhosamente o estandarte do rei.

O povo verteu o sangue, e o rei illuminou com elle a sua purpura. E em paga que lhe deu o Dador? Escarros e chicotadas, burlas e trações, embustes e mentiras. Deu-lhe D. Maria 2.ª, D. Luiz, D. Carlos, D. Manuel (\*). Deu-lhe peçonha, deu-lhe infamia, deu-lhe deshonra, deu-lhe morte.

E não morreu. O genio immortal d'esta grande patria acaba d'erguer-se, luminoso e livre, d'um captivo de seculos. O Jesuita e o Bragança, os dois verdugos, já lhe não acorrentam o corpo nem lhe envenenam o coração. O nosso patriotismo d'hontem, a Saudade, voltava os olhos humidos ás glorias longinquas, como um velho decrepito aos dias da adolescencia, aos annos fortes e fecundos da clara e nobre juventude. Resuscitámos. Hoje, á memoria do passado, junta-se a fé no presente e a confiança altiva no futuro.

Resuscitámos para tornar a viver, para amar para gerar, para crear. Animaremos de trabalho, de alberges felizes, de riqueza, de nupcias, de canções, as montanhas desertas. Aos campos infelizes deitaremos sementes, nas pedras e nos pedregalhos estrellas. Crearemos Verdade, crearemos Justiça, crearemos Belleza. Reataremos o seculo xv ao seculo xx, lançando com animo igual as frotas do nosso genio ás ondas da existencia, mas em busca de luz para os espiritos e de fraterno amor para os corações. Resurgindo em Patria, resurgiremos em Deus, em Natureza, em Humanidade.

Uma patria livre quer uma bandeira victoriosa. Expulsa a realca, cahiu da bandeira, inerte, o diadema real. Só o diadema? E as cores? O azul e o branco não se evolveram tambem? O pendão da Rotunda era verde e vermelho, verde de esperanca até á fé, vermelho de sangue até á morte. O verde chama esperanca, a esperanca jõeunda na colheita, na verdura do trigo, na verdura da vinha, na verdura da arvore. A esperanca protesta contra a má fortuna, contra a lezão, a doença, o aniquilamento. E a vida mais inferior é a que mais protesta, é a que mais quer viver, é a que mais se reproduz. O grão de trigo, germinando, deitou uma haste. A haste murchou, secou, mas cahiram d'ella, para renascer, duzias e duzias de grãos de trigo. A verdura é a vitalidade e a fecundidade, a indormita e continua creação de fructos e de flores.

O pendão do 31 de janeiro illuminou-se, como o da Rotunda, de vermelho e verde. O odio á monarchia, á farça sinistra do constitucionalismo, depoz o azul e branco. Inteiramente? Não. Ao proclamar-se a Republica das varandas da casa do municipio, ladeavam o estandarte vermelho e verde duas bandeiras azues e brancas. Este detalhe, na apparencia casual, mostra a diferença do espirito revolucionario em duas epocas. A animadversão profunda contra o existente, não chegara ainda, nem por sombras, ao furioso rancor exasperado e halucinado, á raiva sem treguas, ao odio sem termo, á colera em brasa, á paixão implacavel, inexoravel, formidavel d'estes ultimos annos. Hontem, a alma da revolução ardia em esperanca e crepitava louca em lavaredas. A bandeira radiante e verdejante incendiou-se, como ella, em madrugada de purpura. Verde e vermelha! da cor do trigo quando nasce, da cor da aurora quando rompe! E só verde e vermelha, de fé e de lucta, de riso immortal da natureza, de sangue d'estoicos e d'heroes! A clara e meiga melodia do azul e branco, com a sua voz de sonho e de luar, não agradava naturalmente em horas de febre e de peleja, aos olhos de chama da revolta. Nas vanguardas marciais não soluçam violinos, clangoram heroicamente as bocas fuivas das trombetas. E a cruz das quas e os sete castellos onde estão? Farto de castellos e de cruces, de carceres e de dores, andava o povo escravo, o povo martir. E por isso no estandarte da revolução não ha emblemas, para quê? Bastam-lhe as duas cores, o verde e o vermelho, gritando fé, clamando esperanca! E a fé heroica d'esses homens vem a patria, liberou-nos a todos. E, insulando á patria uma nova alma, deve dar-lhe o estandarte que a viu gerar? Os sete seculos da nossa historia não os dissolveu o esplendor esbraseado da manhã da Rotunda. Purificou-os, illuminou-os, não os varreu, nem destruiu. Evaporaram-se sombras, exhumaram-se estatuas, e um clarão de aleluia ungiu d'amor o firmamento. Nasceu e morreu alguma coisa. Morreram vergonhas e miserias, nasceu ideal, nasceram astros. Glorifiquemos com elles, sobre a pureza do azul e branco, os nossos castellos valorosos e as nossas quinas immortaes. Integremos o instante de luz nos seculos fulgentes, a Rotunda na historia, a marcha heroica na epopeia. A alma da revolução cristalizou n'um sentimento: vencer ou morrer, a liberdade ou a morte! E os que respiram ainda o brazeiro da lucta, o ardor da victoria, não querem, não podem amar outro estandarte. Vibrarmos ainda nos olhos de fogo as mesmas chamadas do coração. E' natural. Mas essa idealidade bellica e brilhante não lhes deixa sentir, nem avaliar os teosiros de affectos e ternuras, de que descende o lirismo ingenuo, a graça maviosa e meiga do temperamento portuguez. E d'esse fundo sonhador e candido, cheio de singelesa e suavidade, que se levanta nas horas rudes do nosso esforço de epopeia, como abeto de bronze erguendo-se titanico d'entre giestas e madresilvas e malmequeres. Não ha povo nenhum que cante o amor e a dôr com tal docura, e de enda o seu lar, a sua terra, com tamanho denodo e valentia. E' o primeiro dos liricos, e, na acção e no drama, um combatente heroico e formidavel. Chama-se Bernardim Ribeiro e chama-se Albuquerque, Crisfal e Nunalvares, Ignez e D. Duarte d'Almeida, Soror Mariana e Fernando de Magalhães, Bartolomeu Dias e João de Deus. Camões resume tudo: o amor, a dôr, a saudade, a graça, a aventura, o arrojo sereno, a nobreza épica. E toda essa escala d'emoções e de sentimentos, que vae desde os gorgeios de luar ceruleo da frauta pastoril ás rutilancias es-

tridentes da tuba épica, hão-de inscrever-se em musicas de genio na face ovante da bandeira.

Estudemol-a: O campo azul e branco permanece indeleavel. E' o firmamento, o mar, o luar, o sonho dos nossos olhos, o extase eterno das nossas almas. Os castellos continuam em pé, inabalaveis, d'oiro de gloria n'um fundo de sangue ardente e generoso. Exprimiram batalha, exprimiram conquista. Hoje converteram-se de reductos minas em sentinellas calmas e vigilantes. Não hostilizam, guardam. Não acometem, defendem-nos.

A cruz do calvario, a das cinco chagas essa não morre, é o abraço divino, é o abraço imortal. As chagas christãs não cicatrizam, são ulceras eternas, vertendo eternamente sobre a dôr humana eternas lagrimas de amor. Choram sangue, choram misericordia infinita sobre a infinita angustia da natureza. O christianismo é anterior a Christo, ligado á existencia, imanente á vida. Nenhum emblema, como o de Jesus, santificaria o peito ao nosso escudo.

A corôa do rei, corôa de vergonhas, já o não envilece e o não deslustra. No brazão dos sete castellos e das quinas erga-se de novo, como vaso de luz, a esfera armilar da nossa gloria. Religiosamente lembrará o passado, magnificamente anunciará o porvir. Cantando as descobertas chimericas, indicará o futuro distante nas terras virgens d'alem-mar.

Terminando o meu estudo, agradeço ao sr. Santos Ferreira, erudito bibliotecario da Escola Naval alguns esclarecimentos historicos que me prestou.

G. J.

E o simbolo augusto do nosso genio ardente e aventureiro roemol-o emfim de cinco estrellas em diadema dos cinco astros de luz vermelha e verde d'essa manhã de esperanca e liberdade, d'essa manhã heroica da Rotunda.

Porto, 14 de novembro de 1910.

GUERRA JUNQUEIRO.

P. S. — O escudo sobre a esfera armilar, conforme o projecto publicado, é, além de inesthetico, historicamente inaceitavel. Inesthetico pela incongruencia do aplicar um escudo plano no bojo d'uma esfera, e historicamente absurdo porque é a reprodução das armas do reino unido de Portugal e Brazil no tempo de D. João 6.º.

A cruz da ordem de Christo tambem para mim é um simbolo morto. E' cruz de conquistadores, cruz de batalha, cruz de virgindade, cruz de violencia. E' a cruz d'amor e de misericordia na empunhadura ferrea das espadas. A cruz da ordem de Christo não é christã. A cruz verdadeira é a do Calvario, a do amor infinito e do infinito perdão. Essa é immortal. Não pertence á Igreja, pertence á Humanidade.

G. J.

E o simbolo augusto do nosso genio ardente e aventureiro roemol-o emfim de cinco estrellas em diadema dos cinco astros de luz vermelha e verde d'essa manhã de esperanca e liberdade, d'essa manhã heroica da Rotunda.

Porto, 14 de novembro de 1910.

GUERRA JUNQUEIRO.

P. S. — O escudo sobre a esfera armilar, conforme o projecto publicado, é, além de inesthetico, historicamente inaceitavel. Inesthetico pela incongruencia do aplicar um escudo plano no bojo d'uma esfera, e historicamente absurdo porque é a reprodução das armas do reino unido de Portugal e Brazil no tempo de D. João 6.º.

A cruz da ordem de Christo tambem para mim é um simbolo morto. E' cruz de conquistadores, cruz de batalha, cruz de virgindade, cruz de violencia. E' a cruz d'amor e de misericordia na empunhadura ferrea das espadas. A cruz da ordem de Christo não é christã. A cruz verdadeira é a do Calvario, a do amor infinito e do infinito perdão. Essa é immortal. Não pertence á Igreja, pertence á Humanidade.

G. J.

(\* O nobre Pedro 5.º viveu como um rei, passou como um relampago.